

SITUAÇÃO ATUAL DO CULTIVO DO URUCU NO PARÁ: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS¹

Italo Claudio Falesi²

RESUMO: A cultura do urucuzeiro no Estado do Pará, passada a euforia dos anos 1987/1990, quando houve um invulgar interesse no plantio desta bixacea, chegando-se a cultivar cerca de um milhão de pés, notadamente na região bragantina (nordeste paraense), atualmente atravessa uma fase de expectativa. Muitos produtores substituíram ou abandonaram o cultivo, devido à grande oferta e, conseqüentemente, ao baixo preço, chegando a não compensar a colheita. Este fato, considerado comum na agricultura, principalmente na Região Norte do País, é fruto direto da carência de política agrícola definida. O produtor atende ao chamamento, porém, fica desprotegido. Se der certo, tudo bem, mas como normalmente dá errado, ele é o maior prejudicado. O plantio do urucuzeiro não era, até então, considerado uma cultura agrônômica, no entanto, os órgãos de pesquisa levaram a sério o interesse do produto e executaram diversos programas e projetos, resultando em pouco tempo, um conhecimento considerável sobre os diversos aspectos da planta, levando-se em consideração, principalmente os fatores agrônômico e econômico. Atualmente, nota-se um reaquecimento no plantio, entretanto o produtor se mantém cauteloso. O maior problema enfrentado pelo produtor é o da comercialização do produto, quem compra e quanto paga.

¹ Trabalho apresentado no II CONGRESSO BRASILEIRO DE CORANTES NATURAIS e II SIMPÓSIO BRASILEIRO DE URUCU, realizados de 19 a 22 de setembro de 1994, em Belém, PA.

² Eng. Agr. EMBRAPA-CPATU, Caixa Postal 48. CEP 66.017-970, Belém-Pará.

ANTECEDENTES

Passada a euforia dos anos compreendidos entre 1987 e 1990, onde o cultivo do urucuzeiro foi incrementado não somente no Estado do Pará, mas também em vários outros estados brasileiros, aconteceu o que se esperava - o aumento da oferta do produto e a queda considerável do preço. Este fato ocasionou desestímulo entre os produtores, notadamente àqueles que cultivaram *Bixa orellana* em escala acima de 10.000 pés. A situação alcançou um estágio crítico, onde a colheita não chegava a ser paga. Isto fez com que a cultura fosse substituída, abandonada e reduzida pelos produtores.

Apenas poucos produtores mantiveram o cultivo do urucuzeiro, entretanto alguns benefícios foram alcançados, tais como: criação da Sociedade Brasileira de Urucu, posteriormente denominada Sociedade Brasileira de Corantes Naturais - SBCN; elaboração de projetos de pesquisa conduzidos por equipes das diversas instituições governamentais como EMBRAPA, Universidade Federal de Viçosa - UFV, Instituto Agrônomo de Campinas - IAC, Universidade Estadual do Su-

C, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, além de outras e, em nível local, o Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Oriental - CPATU, da EMBRAPA, a Universidade Federal do Pará - UFPa, realização do I e II Congresso Brasileiro de Corantes Naturais; assim como da I Reunião Técnico-Científica sobre melhoramento genético do urucuzeiro realizada em Belém, durante os dias 22, 23 e 24 de outubro de 1991, cujos anais foram editados pela EMBRAPA-CPATU, constituído do Documento, 69 (Reunião 1992). Os resultados deste evento foram materializados em 14 trabalhos técnico-científicos, além do eminente lançamento de cultivares de urucuzeiro que, sem dúvida, atenderá de imediato, os reclamos dos produtores rurais. Pode-se considerar como um fato marcante para todo o sistema desta cultura, a breve entrega destes materiais genéticos ao público produtor, que se ressentiu dos prejuízos causados pela heterogeneidade das sementes cujos resultados refletem-se na sua comercialização.

PROBLEMAS

Os produtores rurais enfrentaram diversos problemas no decorrer do desenvolvimento da cultura, dentre os quais citam-se:

Carência de informações científicas

O cultivo do urucuzeiro surgiu devido à divulgação de que o corante produzido por esta planta tem grande importância industrial e elevado valor econômico. Os produtores, bem como os "agricultores de fins de semana" seduzidos pela oportunidade de ganhar dinheiro a curto e médio prazos cultivaram desde pequenas áreas até consideráveis números de pés. Não havia conhecimento agrônomo suficiente devido o urucuzeiro não ser uma planta até então considerada de interesse agrícola. Os poucos pés existentes nos sítios destinavam-se à produção de colorífico fabricado através de indústrias artesanais. Os órgãos de pesquisa agrônômica não incluíam o urucuzeiro em sua programação. A partir de 1987, a EMBRAPA-CPATU deu início a uma programação de pesquisa através da constituição de

uma equipe de pesquisadores desenvolvendo diversos projetos e subprojetos relacionados ao urucuzeiro. A partir daí, diversas publicações técnicas foram editadas pela EMBRAPA-CPATU, divulgando o conhecimento tecnológico obtido através dessas investigações agrônômicas (Falesi & Kato, 1992).

Cultivos indiscriminados

Pela própria falta de conhecimento, os produtores rurais disseminaram o urucuzeiro sem obedecer um critério básico de cultivo. Surgiram plantações bastante heterogêneas e algumas de difícil manejo devido à extensão considerável. Por outro lado, surgiram plantios consorciados com plantas heliófilas e de crescimento mais rápido do que o urucuzeiro, criando problemas de competição.

Carência de sementes selecionadas

Antes de se pesquisar a cultura de *Bixa orellana*, os agricultores utilizavam qualquer tipo de sementes selecionadas (seleção massal) de tipos conhecidos

como: Piave Vermelha, Verdinha, Piave Verde, Bico-de-pato, Papua, Caripi, Peruana paulista, além de outras (Falesi & Kato, 1992). O resultado, principalmente para aqueles que não utilizaram alguns desses tipos, resultou na maior heterogeneidade dos plantios e também em variações de produtividade, teores de corantes e dificuldades na colheita, principalmente relacionadas a problemas de deiscência.

Dificuldades no beneficiamento, gerando um produto de qualidade inferior

A qualidade das sementes de urucu depende de uma série de fatores dentre os quais, o estágio de maturação das cápsulas no momento da colheita. As cápsulas colhidas antes ou após a maturação produzem sementes com menor teor de corantes e reduz o rendimento no beneficiamento.

A secagem das cápsulas, após a colheita, é um segmento importante para se obter um produto de boa aceitação no mercado. O processo de secagem diretamente ao sol, desde que, as

sementes estejam abrigadas nas suas respectivas cápsulas não produzem efeitos danosos ao teor de corantes contidos na semente. A bixina é termodegradável (Tropical ... 1976; Carrera, 1977), degradando o teor de corante, conforme o tempo de exposição à luz e também ao armazenamento. Entretanto, pesquisas realizadas pelo Instituto Agrônomo de Campinas - IAC (Oliveira, 1989), em Convênio com a Financiadora de Estudos e Projetos - FINEP/CNPq, com o objetivo de detectar nas sementes os efeitos de secagem ao sol durante determinadas horas até às 24:00 h, indicaram não afetar o teor de bixina quando as sementes são colocadas diretamente ao sol.

Os produtores de urucu utilizam diversos processos de secagem: em lonas estendidas no chão, quadras acimentadas e em secadores solares (Falesi, 1987). Este último processo, embora seja o que protege as sementes de contaminação, é pouco utilizado.

Após a secagem das cápsulas, é realizado o beneficiamento propriamente dito, feito desde o processo mais empírico que é a bateção até o uso de descacho-

padeiras combinadas (Falesi, 1987; Kato & Falesi, 1982). Os processos empíricos prejudicam consideravelmente o produto final devido ofender a fina película de corantes existente na semente. Os pequenos produtores, devido à conhecida descapitalização, não têm condições de utilizar os melhores processos, em detrimento da qualidade do produto. Quando este se destina à produção de colorífico, não há prejuízo na comercialização. Entretanto, quando o preço das sementes passar a variar em função do teor de corante, o produtor terá que modificar o processo que adota no momento.

Dificuldades na comercialização

A comercialização do urucu no Estado do Pará é feita diretamente entre o produtor e o atravessador, e este, com as grandes empresas produtoras dos corantes ou com aqueles que produzem o colorau. O preço varia em função da lei da oferta e da procura. Quando há uma produção acima do equilíbrio, o preço cai e, ao contrário, decrescendo a oferta, o

preço torna-se compensador. Em decorrência disso, nos últimos anos, houve maior queda na produção. Em 1991, a produção do Pará foi e 2.392 t, caindo para 1.742 no ano seguinte e aumentando ligeiramente em 1993 para 1.865 t (Tabela 1).

Em avaliação efetuada pelo DFARA, PA (Guimarães ... 1991), em 1991, verificou-se que 40% dos produtores substituíram a cultura do urucu; 27% abandonaram; 20% reduziram a área cultivada e apenas 13% mantiveram o plantio (Tabela 2). Isto é uma evidência da instabilidade que a cultura oferece, devido à carência de política agrícola. A região bragantina, localizada no nordeste paraense, é a maior produtora, detendo também a maior área cultivada (Tabela 1). Nesta região, o município de São Francisco do Pará é o maior produtor, devido à presença de uma grande empresa, a Agroindustrial Biotropical Ltda, do grupo Ha-La do Brasil, que mantém uma área plantada de 400 ha, considerada provavelmente a maior plantação existente (Tabela 2).

TABELA 1. Urucu - Estado do Pará - Área plantada, produção e participação percentual.

Microrregião	Área plantada (ha)				Produção (t)				Participação (%)			
	Município	1991	1992	1993	1994	1991	1992	1993	1994	1991 (nov)	1992 (nov)	1993 (dez)
PARÁ	2090	2059	1753	1464	2392	1742	1865	1423	100,00	100,00	100,00	100,00
Óbidos	13	15	15	-	11	6	9	-	0,46	0,34	0,43	-
Santarém	64	68	68	68	120	123	123	123	5,02	7,06	6,59	8,58
Belém	27	35	35	33	31	28	28	28	1,30	1,60	1,50	1,94
Castanhal	38	45	104	8	74	100	106	-	3,09	5,74	6,75	-
Salgado	169	116	116	56	165	96	159	76	6,90	5,51	3,52	5,30
Bragantina	880	765	768	783	1430	885	960	735	59,78	50,81	51,47	51,29
Cametá	61	20	20	20	20	12	12	12	0,84	0,69	0,69	0,83
Tomé-Açu	50	42	42	42	32	25	25	25	1,34	1,44	1,34	1,74
Guamá	35	35	35	35	7	7	7	7	0,29	0,40	0,38	0,48
Itaituba	-	67	19	15	-	5	5	12	-	0,29	0,38	0,83
Altamira	160	178	68	48	146	129	47	37	6,10	7,41	2,52	2,58
Tucuruí	260	300	90	65	37	-	27	65	1,55	-	1,44	4,53
Paragominas	190	220	220	220	279	279	291	277	11,66	16,02	15,60	19,33
S. Félix do Xingu	9	16	16	6	26	26	26	6	1,09	1,49	1,49	0,41
Parauapebas	10	-	-	10	-	-	-	3	-	-	-	0,20
Marabá	90	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Redenção	8	55	55	55	2	2	2	7	0,08	0,11	0,11	0,48
C. Araguaia	2	82	82	-	3	19	19	-	0,12	1,09	1,09	-

Fonte: IBGE.

TABELA,2. Pará - Municípios maiores produtores.

Municípios	Microrregião	Área Plantada (ha)				Produção			
		1991	1992	1993	1994	1991	1992	1993	1994
S. Fco. do Pará	Bragantina	300	430	430	480	270	315	387	432
Igarapé-Açu	Bragantina	495	250	250	260	827	237	237	250
Primavera	Bragantina	75	75	75	30	320	320	320	37
Paragominas	Paragominas	160	160	160	160	267	267	267	267
Santarém	Santarém	64	64	64	64	120	120	120	120
TOTAIS						1802	1259	1331	1106
%						75,33	72,27	71,36	77,18

Fonte: IBGE.

PERSPECTIVAS

Após uma análise conjuntural da estrutura produtiva do urucu, abordando-se todos os segmentos desde a semeadura, até a produção e aplicação dos corantes, bixina e norbixina, constata-se que existe principalmente entre os produtores, uma expectativa cujas providências precisam ser tomadas com seriedade, por parte dos governos federal, estadual e municipal, bem como das indústrias produtoras dos corantes.

Quais seriam então, as perspectivas que se vislumbram no sentido de se organizar os sistemas produtivo e econômico do urucuzeiro, com vistas a se estabilizar esta cultura? Acredita-se que se devam tomar as seguintes providências:

Estimular a organização dos pequenos produtores

Os pequenos produtores rurais, principalmente os do Norte e Nordeste do Brasil, têm uma estrutura muito deficiente, por isso

encontram grandes dificuldades para melhorar de vida através da evolução de conhecimentos tecnológico e socioeconômico. Enquanto perdurar o isolamento desses produtores, essas regiões permanecerão em dificuldades. Os governos estaduais e, principalmente os municipais, deveriam promover a organização social desses pequenos produtores, no sentido de constituírem órgãos de classes, como associações de produtores, caixas agrícolas, cooperativas ou qualquer estrutura associativista simples.

O cultivo do urucuzeiro deve ser conduzido de maneira que se possam realizar todos os segmentos da cultura, obedecendo aos princípios tecnológicos conhecidos e propiciando, deste modo, a obtenção de um produto final de elevada qualidade comercial.

A assistência técnica será o mecanismo primordial para levar ao produtor, não apenas a semente selecionada, de conhecido valor de bixina, mas também dos tratamentos culturais, práticas de beneficiamento e principalmente orientação na comercialização.

Desde que os pequenos produtores se organizem, o bene-

ficiamento poderá ser feito através de equipamentos de uso comunitário, com resultados favoráveis na melhoria do produto final e com isso, obtendo-se melhores cotações de preços.

Aproveitamento de áreas alteradas para o estabelecimento de sistemas agroflorestais

Na Amazônia brasileira, estima-se em 40 milhões de hectares, a existência de áreas alteradas, onde outrora eram revestidas por florestas. Atualmente essas áreas estão sendo utilizadas com recuperação de pastagens cultivadas, culturas perenes, onde se destacam a dendeicultura, a citricultura, a fruticultura tropical, salientando-se os cultivos de cupuaçuzeiro, aceroleira, cacauzeiro, coqueiro, pupunheira etc. Nessas áreas, também processou-se o cultivo de plantas de ciclos curto e longo.

O urucuzeiro, por ser uma planta perene, constitui um componente importante na estruturação dos sistemas agroflorestais ou agrossilvipastoris. Assim, a consorciação do urucuzeiro com o

maracujazeiro, com o mamoeiro, com as culturas anuais, estas até o terceiro ano, e mesmo com a pastagem, após decorrido esse tempo, são alternativas viáveis com resultados econômicos, sociais e ecológicos satisfatórios.

No relativo ao estabelecimento de sistema silvipastoril com urucuzeiro, obtem-se sucesso quando os componentes animais bovinos, ovinos ou equinos são manejados adequadamente (Falesi & Kato, 1992).

Definições de política agrícola visando a garantia de produção

A cultura do urucuzeiro surgiu devido a atraente divulgação através dos diferentes órgãos de comunicação, havendo um interesse invulgar por parte dos produtores rurais, resultando em oferta além da necessidade de consumo.

Há necessidade imperiosa da estruturação da cultura do urucuzeiro, onde os governos, os produtores e os industriais definam uma política de produção, consumo, mercado e preço. A cultura necessita atingir o equilíbrio agroeconômico para que haja

produção de qualidade competitiva e comercialização atrativa.

Devem-se estimular as empresas produtoras de sementes a que produzam sementes selecionadas, oriundas da pesquisa e oferecê-las aos produtores. A semente de boa procedência e de elevado teor de corante é a base do sucesso do empreendimento agrícola.

Recursos financeiros para pesquisa agroindustrial

Apesar do período curto (1987 a 1994), de pesquisa com a cultura do urucuzeiro, tem-se obtido resultados inéditos. Muitas das vezes os recursos financeiros não eram específicos para serem aplicados com esta planta. Será necessário um melhor aporte de recursos às instituições de pesquisas para que, em curto espaço de tempo, se produza um conhecimento tecnológico bastante eficaz, visando o melhoramento da produtividade do corante desejado.

As empresas industriais, principais consumidoras da bixina e norbixina, oriundas do urucuzei-

ro, deve-riam se constituir na principal fonte de verbas, que seriam repassadas através de contratos aos órgãos de pesquisas (EMBRAPA, IAC, Instituto Adolfo Lutz, Universidades, etc).

Reorganização e reaparelhamento da assistência técnica

A Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER-Pará possui agências de assistência técnica distribuídas na maioria das sedes dos municípios paraenses. Seus técnicos, quando o governo estadual oferece condições, desenvolvem relevante trabalho junto aos produtores rurais, atendendo-os com a oferta de sementes selecionadas, que embora não sejam reconhecidas por alguns governantes, têm reflexo muito sensível na produção e produtividade agrícola dos municípios. Entretanto, nem sempre os governos estadual e municipais são sensíveis à importância que a EMATER pode representar para o desenvolvimento socioeconômico do Estado. O que se observa é o estado de abandono em que a assistência técnica paraense se encontra. Os técnicos, embora

competentes, ficam incapacitados de desempenharem suas atividades, principalmente por falta de recursos financeiro e material (veículos, verbas de manutenção do escritório técnico, etc).

É necessário que os governos estadual e municipais reconheçam a importância extraordinária que a EMATER pode desempenhar junto aos produtores agrícolas. Esta simples ação é compensada com reflexos sensíveis à economia do Estado. O agricultor sem a interferência da assistência técnica, fica entregue à sua própria sorte.

Crédito rural

O financiamento à produção agrícola oferecido pelos agentes bancários é um instrumento que pode beneficiar a atividade agrícola de uma região, desde que, no intrincado contrato, não venha a surpreender no futuro o produtor. Este, quando credenciado, ou seja, se estiver em dia com sua documentação agrária, poderá receber um empréstimo para resarcir com a produção. Foram criados no país vários programas

de atendimento ao produtor, que beneficiaram apenas um pequeno número de produtores. A maioria ficou com altas dívidas, chegando até a perder suas propriedades.

Recentemente, criou-se o Fundo Constitucional de Financiamento do Norte - FNO, regulamentado pela lei 7.827 de 27.09.89, que atende a cinco programas específicos aos minis, pequenos, médios e grandes produtores, classificados em função de critérios definidos pelo FNO. Em princípio, trata-se de um instrumento de financiamento que poderá atender aos produtores que se encontrarem estruturados tais como: escritura pública da terra, legalizados na Receita Federal através do pagamento do Imposto Territorial Rural - ITR, isento de débitos em cartórios etc. O financiamento poderá ser útil se o produtor desenvolver com o empréstimo uma atividade econômica capaz de render dentro do prazo definido pelo empréstimo, o suficiente para saldar o compromisso bancário e lhe proporcionar o rendimento programado.

A EMATER de Igarapé Açu, município paraense produtor de

urucu, elaborou através do Fundo Constitucional de Financiamento do Norte FNO - especial para o ano de 1994/1995, onze projetos destinados ao estabelecimento de cultura do urucuzeiro, abrangendo uma área de 33 ha, todos para atender pequenos produtores.

CONCLUSÕES

Com a euforia do plantio de urucuzeiro no período de 1987 a 1990, houve uma oferta maior do que a procura, fazendo com que 40% dos produtores substituíssem a cultura; 27% abandonassem; 20% reduzissem a área cultivada; e apenas 13% mantivessem o plantio.

O movimento, entretanto, serviu para que as instituições de pesquisa como a EMBRAPA, as Universidades, o IAC e o ITAL além de outras passassem a incluir o urucuzeiro nos seus projetos de pesquisa e, com isso, em curto espaço de tempo, obteve-se resultados bastantes proveitosos, muitos dos quais, divulgados através de publicações técnicas editadas pelas respectivas instituições.

Além disso, técnicos e produtores criaram a Sociedade Brasileira de Urucum, posteriormente transformada em Sociedade Brasileira de Corantes Naturais, onde além do urucu, se interessam também pelas demais plantas produtoras de corantes naturais. Dois congressos nacionais e internacionais foram promovidos pela SBCN, com pleno êxito, o que bem demonstra o interesse dos técnicos e produtores em desenvolver o conhecimento das plantas produtoras de corantes.

Os pesquisadores vêm trabalhando com interesse em lançar o mais cedo possível, cultivares de urucu, o que, sem dúvida, marcará nova fase na urucultura.

No relativo à evolução dos processos de beneficiamento do urucu, muito pouco se obteve até o momento. Os produtores aguardam com ansiedade os testes que os pesquisadores vêm desenvolvendo para adotarem, de imediato, as novas tecnologias, bem como medidas governamentais, no sentido de viabilizar a garantia do preço no momento da comercialização.

Enquanto os pequenos produtores continuarem isolados, as

dificuldades permanecerão. Terão que se organizar em associações para reivindicar seus interesses perante o governo, instituições de pesquisa, assistência técnica, agências de crédito, etc.

O governo precisa se conscientizar de que é necessário dar maior atenção aos problemas rurais, que resultam principalmente da carência de políticas que visem a estimular e defender os interesses da produção agrícola.

Para que a agricultura de um estado seja próspera e competitiva, é necessário que a assistência técnica e a extensão estejam estruturadas, equipadas e capazes de transmitir junto aos produtores, as tecnologias emanadas da pesquisa agrícola.

Educação, saúde e agricultura terão que caminhar juntas, caso contrário, ocorre o que está perpetuado no país, o desequilíbrio social e econômico das populações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRERA, C.E.F. *Extracción por medio de agua y alcalis, de colorante a partir del achiote*

- (*Bixa orellana linneo*). Lima: Universidade Nacional Agraria la Molina. Departamento de Tecnologia de Alimentos y Productos Agropecuários, 1977. Tese.
- FALESI. I.C. **Urucuzeiro**: recomendações básicas para seu cultivo. Belém: EMBRAPA-UEPAE de Belém, 1987. 27p. (EMBRAPA-UEPAE de Belém. Documentos, 3).
- FALESI. I.C.; KATO, O.R. **A cultura do urucu no Norte do Brasil**. Belém: EMBRAPA-UEPAE de Belém, 1992. 47p. (EMBRAPA-UEPAE de Belém. Documentos, 3).
- GUIMARÃES, D. **Pesquisa sobre a situação atual da cultura do urucum no município de Igarapé-Açu**. Belém: DFARA, 1991. 3p. mimeo.
- OLIVEIRA, V.P. de. **Urucu**: situação atual e perspectivas - Região Sul e Sudeste In: SEMINÁRIO SOBRE CORANTES NATURAIS PARA ALIMENTOS, 1., 1989, Campinas. **Anais**. Campinas: ITAL, 1989. p.55-58.
- REUNIÃO TÉCNICO-CIENTÍFICA SOBRE O MELHORAMENTO GENÉTICO DO URUCUZEIRO, 1., 1991, Belém, PA. **Anais**. Belém: EMBRAPA-CPATU, 1992. 108p. (EMBRAPA-CPATU. Documentos, 69).
- TROPICAL PRODUCTS INSTITUTE. **Production and processing of annato (*Bixa orellana* L.)**. Londres: Ministry of Overseas Development, 1976.